



# A Santa Sé

---

## INAUGURAÇÃO DO ANO ACADÉMICO 1979-1980 NAS UNIVERSIDADES PONTIFÍCIAS E COLÉGIOS ECLESIAÍSTICOS DE ROMA

### *HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II*

*Segunda-feira, 15 de Outubro de 1979*

1. É para mim motivo de sincera alegria encontrar-me hoje aqui, a presidir esta solene Liturgia eucarística, que vê reunidos à volta do altar de Cristo, juntamente com o Senhor Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica e com os Reitores das Pontifícias Universidades e Ateneus romanos, os Professores, os alunos e o pessoal auxiliar destes Centros de estudo.

Estamos aqui reunidos, caríssimos filhos, por uma circunstância particularmente significativa: pretendemos inaugurar oficialmente, com esta Concelebração, o *Ano Académico 1979-1980*. Queremos inaugurá-lo sob os olhos de Deus. Sentimos que é justo fazê-lo. Que é, de facto, um novo ano de estudo senão a retomada de uma ascensão ideal que, por sendas não raro íngremes e tortuosas, leva o investigador cada vez mais para o alto, ao longo das vertentes daquela misteriosa e fascinadora montanha que é a verdade? A fadiga do caminho é abundantemente recompensada com a beleza dos panoramas cada vez mais sugestivos, que se abrem perante o olhar extasiado.

A subida não é, porém, isenta de riscos: há passagens difíceis e apoios traiçoeiros, há o perigo de improvisas escuridões, há a possibilidade de perspectivas ilusórias e de obstáculos imprevistos. A metáfora é transparente: a conquista da verdade é empresa árdua, não sem incógnitas e riscos. A pessoa responsável, que se aventura a ela, não pode deixar de sentir a necessidade de invocar sobre a sua fadiga a benevolência de Deus, o socorro da sua luz e a intervenção corroborante da sua graça.

Se isto vale para toda a forma de investigação científica, mais verdadeiro se mostra para a investigação teológica, que se enfrenta com o infinito mistério de Deus, a nós comunicado mediante a palavra e a obra da Redenção; e mostra-se verdadeiro também para os outros ramos dos estudos eclesiásticos, que, ao orientarem-se para os vários campos da investigação bíblica, da ciência filosófica, da história, etc., regressam a este factor que todos unifica, e faz de vós «os especialistas» de Deus e do seu mistério de salvação, manifestado ao homem. Por conseguinte, o estudante das Faculdades eclesiásticas não se mede com uma verdade impessoal e fria, mas com o Eu mesmo de Deus, que na Revelação se fez «Tu» para o homem e abriu com ele um diálogo, em que lhe manifesta alguns aspectos da insondável riqueza do seu próprio ser.

2. Qual será, então, a justa atitude do homem, chamado pelo amor proveniente de Deus a uma inimaginável confiança? Não é difícil responder. Não poderá deixar de ser uma atitude de profunda gratidão, unida a sincera humildade. É tão fraca a nossa inteligência, tão limitada a experiência e tão breve a vida, que tudo o que se consegue dizer de Deus tem mais a aparência de um balbuciar infantil do que a dignidade de um assunto exauriente e conclusivo. São conhecidas as palavras com que Agostinho confessava a sua hesitação ao apresentar-se a falar dos mistérios divinos: *suscepi enim tractanda divina homo, spiritualia carnalis, aeterna mortalis*; «assumi o compromisso de tratar coisas divinas, eu que sou um simples homem; coisas espirituais, eu que sou um ser de carne; coisas eternas, eu mortal» (Santo Agostinho, *In Io. Ev. Tr.* 18, n. 1).

Esta é a convicção de base, com que o teólogo deve meter mãos ao trabalho: deve recordar-se sempre de que, por mais que possa dizer sobre Deus, tratar-se-á sempre de palavras de um homem, e portanto de um pequeno ser finito, que se aventurou na exploração do mistério insondável do Deus infinito.

Nada de surpreendente, portanto, se os resultados a que chegaram os máximos génios do Cristianismo, lhes pareceram absolutamente inadequados em relação ao Termo transcendente da sua investigação. Confessava Agostinho: *Deus ineffabilis est; facilius dicimus quid non sit, quam quid sit* (*Id., Enarr. In Ps.* 85, n. 12); e explicava: «Quando deste abismo nos elevamos a respirar naquelas alturas, não é conhecimento de pouca importância saber que coisa Deus não é, antes de saber que coisa Ele é» (*Id., De Trin.* 8, 2, 3). E como deixar de recordar, a este propósito, a resposta de São Tomás ao seu fiel secretário, Frei Reginaldo de Piperno, que o exortava a prosseguir a composição da *Summa*, interrompida após uma experiência mística particularmente perturbadora. Referem os biógrafos que às insistências do amigo ele opôs apenas laconicamente: «Irmãos, já não posso mais; tudo aquilo que escrevi parece-me palha». E a *Summa* ficou incompleta.

E a humildade, de que dão exemplo tão esplêndido os maiores mestres de teologia, anda a par e passo com uma profunda gratidão. Como não havemos de ser gratos quando Deus infinito se abaixou a falar ao homem na sua mesma língua humana? Ele de facto tendo falado outrora aos

nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos Profetas, agora falou-nos, nestes últimos tempos, pelo Filho (*Heb.* 1, 1-2). Como deixaremos de nos mostrar agradecidos uma vez que, deste modo, a língua humana e o pensamento humano foram visitados pela Palavra de Deus e pela Verdade Divina e foram chamados a participar nela, a prestar testemunho dela, a anunciá-la e também a explicá-la e aprofundá-la de modo correspondente às possibilidades e exigências do conhecimento humano? Precisamente isto é a teologia. Precisamente isto é a vocação do teólogo. Em nome desta vocação reunimo-nos hoje aqui para começar um novo Ano Académico, que decorrerá em todas aquelas oficinas do trabalho científico e didáctico que são os Ateneus de Roma.

3. A humildade é um sinal de todo o cientista que tem uma relação honesta com a verdade cognoscitiva. Ela, acima de tudo, abrirá o caminho para que se radique na sua alma a disposição fundamental, necessária para toda a investigação teológica, merecedora deste nome. Esta disposição fundamental é a fé.

Reflectamos: a Revelação consiste na iniciativa de Deus, que se dirigiu pessoalmente ao homem, para encetar com ele um diálogo de salvação. É Deus a iniciar a conversa, e é Deus a continuá-la. O homem escuta e responde. A resposta, porém, que Deus espera do homem, não se limita a uma fria avaliação intelectual de um conteúdo abstracto de ideias. Deus dirige-se ao homem e fala-lhe, porque o ama e quer salvá-lo. A resposta do homem, por conseguinte, deve ser, antes de tudo, aceitação reconhecida da iniciativa divina, e confiante abandono à força proveniente do seu amor.

Entrar em diálogo com Deus significa deixar-se alguém enlevar e conquistar pela figura luminosa (*doxa*) de Jesus revelador e pelo amor (*agape*) d'Aquele que O mandou. E nisto, precisamente, consiste a fé. Nela o homem, interiormente iluminado e atraído por Deus, transcende os limites do conhecimento puramente natural e faz uma experiência d'Ele, que de outro modo lhe seria impedida. Jesus disse: Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, o não atrair (*Jo* 6, 44). «Ninguém», portanto nem sequer o teólogo.

O homem — observa São Tomás —, enquanto está *in statu viae*, pode adquirir certa inteligência dos mistérios sobrenaturais, graças ao uso da sua razão, mas só naquilo em que ela se apoia sobre o fundamento inabalável da fé, que é participação no conhecimento mesmo de Deus e dos bem-aventurados compreensores: *Fides est in nobis ut perveniamus ad intelligendum quae credimus* (São Tomás, *In Boeth. de Trin.*, q. 2, a. 2, ad 7). É o pensamento de toda a tradição teológica, e é em particular a posição do grande Agostinho: «crendo tornas-te capaz de compreender; se não crês, não conseguirás nunca compreender... A fé te purifique, pois, a fim de te ser concedido chegar à plena inteligência (Santo Agostinho, *In Io. Evang. Tr.* 36, n. 7). Noutro lado observa a este propósito: *Habet namque fides oculos suas, quibus quodammodo videt verum esse quod nondum videt* (*Id. Ep. 120 ad Consentium*, nn. 2, 9), e é por isto que *intellectui fides aditum aperit, in fidelitas claudit* (*Id. Ep. 137 ad Volusianum*, nn. 4, 15).

A conclusão, a que chega o Bispo de Hipona, tornar-se-á clássica: «A inteligência é o fruto da fé. Não procures pois compreender para crer, mas crê para compreender» (*Id., In Io. Evan. Tr.* 29, n. 6). É uma advertência sobre a qual deve reflectir todo aquele que «faz Teologia»: existe de facto também hoje o risco de pertencer ao grupo dos *garruli ratiocinadores* (*Id. De Trin.* 1, 2, 4), que Agostinho convidava a *cogitationes suas carnales non dogmatizara* (*Id., Ep.* 187 ad Dardanum, nn. 8, 29). Só a «obediência da fé» (Cfr. *Rom.* 16, 26), com a qual o homem se abandona inteiramente a Deus em plena liberdade, pode introduzir na compreensão profunda e saborosa das verdades divinas.

4. Há uma segunda vantagem que deriva para o teólogo da humildade: ela constitui o húmus no qual se enraíza e germina a flor da oração. Como poderia, efectivamente, rezar com sentimentos sinceros um espírito soberbo? E a oração é indispensável para o crescimento na fé. Recordou-o o Concílio Vaticano II quando na Constituição *Dei Verbum* salientou que, para dar o assentimento de fé à divina Revelação «é necessária a graça de Deus que previne e ajuda», é necessário o auxílio do Espírito Santo, «que mova e converta para Deus os corações, abra os olhos da alma, e dê 'a todos a suavidade no aderir e dar crédito à verdade'» (*Dei Verbum*, 5).

Elemento essencial do esforço teológico deve, por conseguinte, reconhecer-se na dedicação à oração: só uma oração humilde e assídua pode impetrar a efusão daquelas luzes interiores que guiam a mente para a busca da verdade. *Deus semper idem, noverim me noverim te*, suplicava Agostinho nos Solilóquios (Santo Agostinho, *Solilóquios*, 2, 1, 1), e nas exposições catequéticas não se cansava de convidar os seus ouvintes a rezarem para obter a luz, e luz invocava ele próprio nos momentos de obscuridade: «Deus Pai nosso, que nos exortas a pedir-te e nos dás aquilo que te pedimos (...), ouve-me a mim que sinto calafrios nestas trevas e oferece-me a tua direita. Deixa-me ver a tua luz, repreende-me dos erros e faz que, seguindo a tua orientação, reentre em mim e em ti. Ámen» (*Id. Ibid.*, 2, 6, 9; cfr. 1, 1, 2-6).

E como deixar de mencionar aquela famosa oração que Santo Anselmo eleva no início do seu *Proslógio*? É uma oração tão simples e bela que pode constituir modelo de invocação para quem quer que se dispõe para «estudar Deus»: «Deus, ensina-me a procurar-te e mostra-te a mim que te procuro, dado que eu não posso nem procurar-te nem encontrar-te, se tu próprio não te mostras» (Santo Anselmo, *Proslog.*, 1).

Um autêntico esforço teológico — digamo-lo com franqueza — não pode começar nem terminar senão de joelhos, pelo menos no segredo da cela interior, onde é possível «adorar o Pai em espírito e verdade» (Cfr. *Jo* 4, 23).

5. A humildade sugere, por fim, ao teólogo o justo comportamento em relação à Igreja. Sabe que a ela foi confiada a «Palavra», a fim de a anunciar ao mundo, aplicando-a a todas as épocas e tornando-a assim realmente actual. Sabe-o e alegra-se com isso.

Por este motivo não hesita em repetir com Orígenes: «Por meu lado, a minha aspiração consiste em ser verdadeiramente eclesial» (Orígenes, *In Lucam*, hom. 16), isto é, em estar em plena comunhão de pensamento, de sentimento e de vida com a Igreja, na qual Cristo se torna contemporâneo de cada geração humana. Verdadeiramente *homo ecclesiasticus*, ele ama, por isso, o passado da Igreja, medita a sua história, venera e explora a sua Tradição. Não se deixa, porém, prender a um culto saudosista das suas particulares e contingentes expressões históricas, porque bem sabe que a Igreja é um mistério vivo e a caminho, sob a guia do Espírito. De igual modo, recusa propostas de rupturas radicais com o que foi, pelo mito fascinador de um novo início: acredita estar Cristo sempre presente na sua Igreja, hoje como ontem, para continuar a sua vida, não para a recomeçar.

O *sensus Ecclesiae*, além disso, que nele é tornado vivo e vigilante pela humildade, mantém-no em constante atitude de audição, perante a voz do Magistério, que ele aceita de bom grado como garantia, por vontade de Cristo, da verdade salvífica. E em audição continua também perante as vozes que lhe chegam do Povo de Deus inteiro, sempre pronto a receber, na palavra douta do estudioso como também na palavra simples mas talvez esta não menos profunda, do fiel comum, um eco iluminante do Verbo eterno que se fez carne e veio habitar no meio de nós (*Jo. 1, 14*).

6. Eis, irmãos e filhos caríssimos, alguns pontos de reflexão para este início de ano escolar e académico. Vejo-vos aqui reunidos em redor das relíquias de São Pedro a quem Cristo disse: *Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16, 18)*. Como vosso Bispo, Bispo de Roma e ao mesmo tempo sucessor de Pedro, desejo dirigir a todos Vós um ardente apelo a que participeis nesta construção da Igreja que tem início no próprio Cristo. Este apelo dirijo-o tanto aos Professores e aos Mestres, quanto a todos os Estudantes de cada Ateneu Romano. O trabalho que empreendeis juntos assemelha-se a um grande estaleiro da missão da Igreja na nossa época. Este trabalho deve dar frutos não só hoje mas também no futuro. Muito depende dos resultados que obtiverdes aqui. Devem tornar-se o fermento da fé e da vida cristã de tantos homens nos vários lugares da terra. De facto, viestes aqui a esta Cátedra, bem sabendo que é seu particular dever unir os filhos de Deus sobre a terra, na Verdade e no Amor, vindo eles dos diversos lugares, nações, países e continentes.

O vosso encontro com a Verdade e o Amor divino, recomendo-o à Padroeira deste dia, àquela «grande» Teresa de Jesus, a primeira entre as mulheres que mereceu o título de Doutora da Igreja. Sobretudo, invoco sobre Vós a assídua protecção d'Aquela que a Igreja saúda como *Sedes Sapientiae*. A sua maternal solicitude acompanhe os vossos passos e, guiando-vos para descobrires novos aspectos do mistério apaixonante de Cristo, vos ajude a crescer no amor por Ele. *Si cognovimus, amenus*, porque não o devemos esquecer — *cognitio sine caritate non salvos facit*, «um conhecimento sem amor não nos salva» (Santo Agostinho, *In 1 Ep. Io. Tr. 2, n. 8*).

